

# O PROCESSO GRUPAL NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: reflexões compartilhadas

*Graziela Del Mônico<sup>1</sup>  
Nadja Janke<sup>2</sup>  
Isadora Puntel de Almeida<sup>3</sup>*

## Resumo

Este trabalho apresenta reflexões compartilhadas de três pesquisas em educação ambiental desenvolvidas junto ao programa de pós-graduação em educação para ciências na UNESP-Bauru. Embora os trabalhos sejam desenvolvidos em espaços sociais diferentes, fundamentam-se na mesma metodologia de pesquisa: a pesquisa-ação-participativa. Um dos seus princípios metodológicos mais relevantes é a formação de “parceiros de pesquisa” com a finalidade de gerar conhecimentos e ações sócio-ambientais transformadoras. A formação de “parceiros de pesquisa” é etapa inicial e essencial dessa metodologia. Duas das investigações têm como atores sociais os moradores de um núcleo habitacional de Bauru, estudando dois temas: a história da transformação ambiental local e os indicadores de qualidade de vida para esta comunidade. A terceira investigação envolve alunos de graduação da UNESP-Bauru, que diagnosticam a problemática dos resíduos no ambiente universitário. Este trabalho apresenta os dados sobre os processos grupais e procura analisar sua importância e dificuldades tanto no desenvolvimento da pesquisa acadêmica quanto na ação educativa dos grupos em questão. Para esta análise, relacionamos as informações obtidas nas três experiências às discussões teóricas da pesquisa social e ambiental, numa perspectiva da pesquisa qualitativa.

## Abstract

The work presents some shared reflections on three studies in the area of environmental education, which were carried out as part of the post-graduate

1 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Email: gmonaco@fc.unesp.br

2 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência da Universidade Estadual Paulista – UNESP. E-mail: njanke@fc.unesp.br

3 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Email: isadorap@fc.unesp.br

program in education for sciences at UNESP-Bauru. Although the works were carried out in different social spaces, they are all based on the same research methodology, namely, participative-action-research. One of its most relevant methodological principles is the formation of “research partners”, for the purpose of generating knowledge and social-environmental actions which are capable of bringing transformation. The formation of “research partners” is the first and most essential stage of this methodology. In two of the studies, the social actors were the inhabitants of a residential center in Bauru, and the themes studied were: The history of local environmental change and the quality of life indicators for this community. The third study involved graduate students of UNESP-Bauru, who diagnosed the problem of waste in the university environment. This work presents data on the group processes involved, and seeks to analyze their importance and difficulties both in terms of carrying out academic research and the educative action of the groups in question. For this analysis, we relate the information obtained from the three experiments to the theoretical discussions from social and environmental research, taking a perspective of qualitative research.

## Palavras-chave

Educação ambiental; pesquisa ação; qualidade de vida.

## Key-words

Environmental research; action research; quality of Life.

## Introdução

Mas, doutor, uma esmola  
A um homem que é são  
Ou lhe mata de vergonha  
Ou vicia o cidadão.  
*Luiz Gonzaga*

Um importante princípio da educação ambiental é a formação humanizadora e transformadora do indivíduo para que este exerça uma nova relação com o ambiente. Como formação entendemos os mecanismos educacionais que fazem com que o indivíduo se aproprie de sua condição humana e de toda a carga valorativa que tal determinação impõe, de forma a reconstruir em si os valores de civilidade e humanidade construídos historicamente. Assim, como dimensão da educação, a pesquisa em educação ambiental fundamenta-se nas abordagens qualitativas, uma vez que a pesquisa qualitativa é o instrumento metodológico indicado na investigação relacionada ao processo educativo. Por isto, a pesquisa em educação ambiental deve lidar com as significações do comportamento humano individual e coletivo no âmbito sócio-cultural e ambiental, já

que estes se caracterizam como valores qualitativos, buscando o conhecimento pleno da realidade. Realidade compreendida como resultado da história das transformações ambientais, na maioria das vezes, promovidas pelo homem. Tais conceitos nos permitem dizer que a educação ambiental deve valorizar o conhecimento de senso comum, partindo deste para que, pela reflexão, compreenda a relação dos indivíduos com o ambiente.

Assim, para compreender os fatos sociais e refletir sobre a relação homem/natureza é importante considerar a forma com que o pesquisador se posiciona frente ao pesquisado. Isto possibilita refletir sobre as condições de vida, os comportamentos humanos, as inter-relações pessoais e com o ambiente, as motivações e aspirações de grupos sociais. Brandão (1999, p.11) afirma que, para o pesquisador, o sentido de aproximar-se dos pesquisados é “ir conviver com o outro no seu mundo; aprender a sua língua; viver sua vida; pensar através de sua lógica; sentir com ele”. No entanto, o pesquisador vivencia e influencia o outro. Minayo (2002) afirma que o pesquisador também tem suas próprias visões de mundo e, portanto, toda pesquisa, “como projeto, como processo e como produto” (BRANDÃO, 2003, p.25), reflete suas ideologias. O pesquisador deve ter consciência de sua intencionalidade e considerá-la em suas análises.

Um outro aspecto diferencial em algumas metodologias qualitativas é a forma com que os sujeitos estão envolvidos na pesquisa. Elaborar com eles a participação e as escolhas dos temas de pesquisa e a forma de atuação do grupo, possibilita aproximá-los mais ainda da problemática em que estão inseridos, num processo de reflexão contínuo que pode ocasionar em relações mais responsáveis com o ambiente. O processo de ação-reflexão-ação, nesse contexto, conduz à produção de novos conhecimentos, resultando em relevância científica, importante a todo projeto produzido na área de educação ambiental.

Este nível de participação torna os envolvidos não meros colaboradores, mas pesquisadores de sua realidade. Neste sentido, cada participante desempenha seu papel. Os sujeitos envolvidos investigam seu próprio modo de vida e assim podem melhor detectar os determinantes sociais que o compõe. Desvendar as variáveis que envolvem um certo fenômeno social e ambiental, revela o caráter científico deste diagnóstico. Por outro lado, o pesquisador contribui com técnicas de coleta, sistematização e análise dos dados.

Sob a participação, Demo (2001) defende a idéia de que o desenvolvimento comunitário, sendo essencial para a política social, tem na identificação cultural a motivação para a participação. Esse autor identifica a participação como um ato de fé na potencialidade do outro e, ainda, na capacidade criativa e auto-gestão de um grupo social. Torna-se explícito a importância de outro pilar fundamental à educação ambiental, a relevância social dos projetos nesta área. Em muitos trabalhos ligados ao tema, percebermos o distanciamento entre a teoria e a ação, o que acarreta na falta de contribuições para a melhoria dos aspectos sociais e ambientais das comunidades. Uma discussão recente em educação ambiental trata do fato de que as contribuições teóricas são extensas. É preciso agora um retorno reflexivo com as comunidades em busca de práticas construtivas para uma nova sociedade.

Então, os participantes colaboradores, junto ao pesquisador e munidos da metodologia adequada, são capazes de sistematizar esse conhecimento e ainda trazer contribuições tanto locais, de ordem prática e específica para a comunidade, como ir além levantando dados no campo da pesquisa social e biológica. A dimensão educativa desse tipo de pesquisa transformadora pode ser enriquecida com a articulação entre o saber popular e o científico. No entanto, esses devem manter relações horizontais e não dogmáticas. A formação acadêmica e científica do pesquisador deve servir como elemento de contribuição para a construção de estratégias em todas as etapas do trabalho, desde que seja de forma não manipuladora e unilateral.

Em suma, a educação ambiental, como ação educativa e como área de pesquisa, deve considerar metodologias participativas de ensino e de pesquisa como princípio. Assim, garantir não somente a produção do conhecimento científico na área sócio-ambiental e pedagógica, mas também ações transformadoras que orientem o indivíduo e a comunidade às práticas coletivas com relação ao ambiente, repensando seu modo de vivê-lo e vê-lo.

Com esses propósitos iniciamos a procura por uma metodologia inovadora, que pudesse sustentar todas essas premissas importantes, articulando o desenvolvimento da educação ambiental com a construção de comunidades cidadãs. Encontramo-nos então frente à pesquisa-ação, explicitada em suas linhas fundamentais na metodologia exposta abaixo. Destacamos por ora que a etapa inicial do procedimento desta metodologia é justamente a formação do grupo de pesquisa, e também deve considerar como importante não somente o envolvimento individual, mas o caráter coletivo, investindo na formação de grupos. Lane (1984, p. 78), numa análise sobre o processo grupal, diz que: “Toda a ação transformadora da sociedade só pode ocorrer quando indivíduos se agrupam”. Dessa forma, deve haver um incentivo para que os objetivos individuais passem a ser compartilhados pelo grupo num senso coletivo de transformação.

Este trabalho apresenta reflexões compartilhadas de três diferentes pesquisas em educação ambiental desenvolvidas junto ao programa de pós-graduação em educação para ciências na UNESP-Bauru. Embora os trabalhos sejam desenvolvidos em espaços sociais diferentes, fundamentam-se na metodologia da pesquisa-ação-participativa.

Duas das ações investigativas têm como atores sociais os moradores de um núcleo habitacional de Bauru, estudando dois principais temas: a história da transformação ambiental do local onde vivem e os indicadores de qualidade de vida para esta comunidade. A terceira ação envolve alunos de graduação da UNESP-Bauru, que diagnosticam a problemática dos resíduos no ambiente universitário.

Este artigo apresenta os dados sobre os processos grupais e procura analisar sua importância e dificuldades tanto no desenvolvimento da pesquisa acadêmica quanto na ação educativa dos grupos em questão. Para esta análise foram descritas as etapas do processo de formação dos grupos, analisadas sob a ótica das teorias da psicologia social.

## Metodologia

Os trabalhos apresentados neste artigo apóiam-se na metodologia da **pesquisa-ação**. Esta é considerada no âmbito das ciências sociais uma metodologia nova e inovadora. Santos (1987) identifica o surgimento de um paradigma emergente na contemporaneidade como superação da crise do paradigma dominante, que ainda trata as ciências sociais aos princípios das ciências 'naturais'. Para ele, a ciência social, pautada em uma metodologia própria, contribuiria para a reestruturação do fazer científico articulando conhecimento científico e conhecimento do senso comum, estabelecendo-se uma nova racionalidade. "A ciência pós-moderna, ao sensocomunizar-se, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, mas entende que, tal como o conhecimento deve se traduzir em auto-conhecimento, o desenvolvimento tecnológico deve traduzir-se em sabedoria de vida." (SANTOS, 1987, p.57).

Num outro momento, esse mesmo autor, defendendo a reforma democrática e emancipatória da Universidade no sentido de garantir-lhe um caráter público, coloca a pesquisa-ação como um dos seus instrumentos:

A pesquisa-ação e a ecologia dos saberes são áreas de legitimação da universidade que transcendem a extensão uma vez que actuam ao nível desta como ao nível da pesquisa e da formação. A pesquisa-ação consiste na definição e execução participativa de projetos de pesquisa, envolvendo as comunidades e organizações sociais populares a braços com problemas cuja solução pode beneficiar os resultados da pesquisa. Os interesses sociais são articulados com os interesses científicos dos pesquisadores e a produção do conhecimento científico ocorre assim estreitamente ligada à satisfação das necessidades dos grupos sociais que não tem poder para pôr o conhecimento técnico e especializado ao seu serviço pela via mercantil (SANTOS, 2004, p. 75).

A dimensão libertadora de diálogo com o senso comum é um dos princípios da pesquisa-ação, que valoriza a aliança entre os conhecimentos em busca de profundas transformações sociais. Há com relação à pesquisa-ação um claro descontentamento com a neutralidade científica da pesquisa tradicional, descompromissada com a relevância social e a participação política e consciente da sociedade. Thiollent (2000) explora a diferença entre a pesquisa social convencional e a pesquisa-ação com relação à dinâmica de transformação social. Diz que a primeira focaliza uma situação e não tem instrumentos que permitam a compreensão da dinâmica de transformação em uma outra situação desejada. E que, para a pesquisa-ação, o caminho metodológico busca contribuir para a transformação social, por meio da participação dos indivíduos no processo de construção do saber. Observamos que a pesquisa-ação é compreendida por alguns, como métodos de ação, para transformação dos participantes em cidadãos politicamente ativos. Para outros, tem em seu campo de ação elementos teóricos para estudos nas áreas de conhecimentos educacionais e sociais. Outros ainda a vêem como uma forma de alcançar estratégias de ações coletivas que melhorem a qualidade de vida

das comunidades. Essas são visões que para Gajardo (1999, p.16), “são diferentes faces de uma mesma moeda [...] conferem alcances e significados diferenciados às atividades que se desenvolvem sobre o mesmo rótulo: pesquisa participante ou investigação participativa”. Desta forma, deve se caracterizar como uma prática de pesquisa que une a investigação, na produção de conhecimento, à ação social e educativa, como momentos de um mesmo processo e onde há uma participação radical dos envolvidos na pesquisa. Alcança-se assim relevância tanto social, quanto científica.

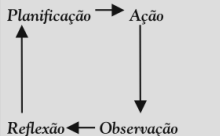
Assim, os três trabalhos de dissertação de mestrado que aqui apresentamos, contém essas preocupações em seus contextos e estão sendo desenvolvidos segundo os procedimentos descritos a seguir. Os três temas de investigação propostos foram temas geradores que serviram de base para a produção de novos conhecimentos por/para os pesquisadores não-acadêmicos. Os instrumentos metodológicos do conhecimento científico serviram para auxiliar nessa etapa de forma que a idéia externa se tornasse de interesse e apropriação interna dos grupos.

Os temas de pesquisa “história ambiental” e “qualidade de vida” foram apresentados para um grupo composto por membros da Associação de Moradores do Bairro Nobuji Nagasawa-Bauru 2000. Este grupo estruturado tinha como principais objetivos o planejamento de ações para enfrentamento dos problemas do conjunto habitacional. Por serem um grupo organizado influenciou na escolha das pesquisadoras já que este poderia ser um ponto positivo para que a pesquisa acontecesse. A intenção inicial foi formar, a partir dos membros da Associação, um grupo de pesquisadores comunitários e então estender o convite à comunidade, caso isto fosse de interesse comum dos participantes. O tema “diagnóstico da problemática dos resíduos no espaço universitário”, da mesma forma, foi levado a um grupo de alunos envolvidos com o projeto de coleta seletiva desta instituição. Esta realidade motivou a pesquisadora a convidar os mesmos alunos para iniciar um grupo de pesquisadores, pois entendeu que o grupo, por ter se organizado para ajudar a melhorar uma situação, estava mais sensível ao problema dos resíduos. Sendo assim, o grupo concordou em se reunir, uma vez por semana, durante uma hora, para o desenvolvimento das atividades de pesquisa no *campus*.

A seguir, explica-se como foram iniciadas estas pesquisas, que se encontram em concordância com as definições que Angel (2000, p.50) coloca a este respeito:

Como se inicia uma investigação-ação? Pode surgir de diferentes formas. Citaremos algumas: [...] b- Um investigador ou uma investigadora desenha uma investigação na qual o modelo metodológico que melhor se ajusta é a investigação ação, que para poder colocá-la em prática tem que reunir e conformar um grupo de docentes interessados no objeto da investigação (tradução nossa).

A partir do convite para a formação do grupo deu-se procedimento às etapas seguintes que também são sugeridas por ANGEL (2000), conforme esquema apresentado ao lado:

Etapas fundamentais da pesquisa-ação	História das transformações ambientais no Bairro	Indicadores de qualidade de vida no Bairro	Diagnóstico da problemática dos resíduos no <i>Campus</i>
1) Desenho da Investigação: teórico e metodológico	Incorporação do tema proposto às histórias de vida dos membros do grupo no ambiente do bairro; Escolha de subtemas para investigação	Incorporação do tema proposto aos membros; Escolha de subtemas para investigação	Incorporação do tema proposto aos membros do grupo.
2) Desenvolvimento da investigação:  	Estudo do método de coleta dos dados sobre a história ambiental; entrevistas com a comunidade; estudo de documentos oficiais; análise dos dados para formulação de documento escrito sobre a história do local; planejamento das ações junto à escola Estadual do bairro	Estudo do método de coleta dos dados sobre a os indicadores de qualidade de vida: entrevistas com a comunidade; análise dos dados para encontrar os indicadores de qualidade de vida; planejamento das ações junto à escola Estadual do bairro para enfrentamento do problema destacado como prioritário	Diagnostico da qualidade e quantidade dos resíduos gerados, o consumo de produtos e as concepções da comunidade sobre a questão; construção atividades de educação ambiental; avaliação das ações.
3) Elaboração do Informe final	Etapa em andamento onde se pretende envolver a Escola Estadual de ensino fundamental e médio para realização de atividades didáticas para divulgação do resultado da pesquisa	Etapa em andamento onde se pretende envolver a Escola Estadual de ensino fundamental e médio para realização de atividades didáticas para divulgação do resultado da pesquisa	Etapa em andamento onde o conhecimento gerado pelo grupo será transformado em um documentário jornalístico (produzido por alunos de Jornalismo)

Para execução destas etapas, aconteceram diversas reuniões, de forma participativa, onde os grupos tomaram decisões e refletiram sobre o desenvolvimento da pesquisa. Gradativamente incorporaram a dimensão da pesquisa em suas ações, desde a escolha dos métodos de coleta, até os planejamentos das práticas, numa troca de conhecimentos.

Esses 2 processos grupais são resultados parciais das dissertações e servirão para análises compartilhadas apresentadas neste artigo. Contudo, encontramos na psicologia social respaldo teórico para trazer à luz as reflexões das experiências vivenciadas.

## Resultados e discussão

A psicologia social é uma área das ciências sociais que tem como objeto as dimensões funcionais ou dinâmicas da sociedade. Segundo Mailhiot (1985), a psicologia social contemporânea identifica, define e interpreta as condutas sociais e os comportamentos em grupo. Analisando historicamente as diferentes teorias da psicologia social, Lane (1984) identifica uma postura tradicional, que entende o grupo como um fenômeno e procura garantir a produtividade do grupo “pela harmonia e manutenção das relações apreendidas na convivência” (*ibidem*, p.81), destituindo de sua análise os determinantes sociais dos indivíduos. Esse é o principal ponto da crítica da autora. Ela se coloca a favor de uma postura que enfatiza o caráter mediatório do grupo entre indivíduos e a sociedade, num

processo pelo qual o grupo se produz. Esta é uma abordagem dialética-histórica que utiliza algumas premissas para conhecer o grupo, como explicitado no trecho:

- 1) O significado da existência e da ação grupal só pode ser encontrado dentro de uma perspectiva histórica que considere a sua inserção na sociedade, com suas determinações econômicas, institucionais e ideológicas;
- 2) O próprio grupo só poderá ser conhecido enquanto processo histórico, e nesse sentido, talvez fosse mais correto falarmos em processo grupal em vez de grupo (LANE, 1984, p. 81).

E é a partir desta ótica que procuramos basear nossas análises.

Os procedimentos decorridos nas três propostas de pesquisa-ação iniciaram-se a partir da escolha dos sujeitos 'potenciais' para a formação de grupos de pesquisa. No caso das duas realidades, Bairro e Universidade, escolhemos grupos já organizados. No Bairro, havia uma Associação de Moradores que tentava elaborar ações para melhoria das condições de vida da comunidade. Na Universidade, quando um programa de coleta seletiva foi implantado, houve a necessidade da participação voluntária de alunos na sua divulgação. Assim, alunos que haviam participado de uma disciplina, onde um dos temas estudados é a problemática dos resíduos, foram convidados a participar do programa. Além da divulgação em todas as salas de aula da universidade, este grupo ficou responsável também por distribuir pelo *campus* os coletores de resíduos.

A partir dessas realidades, levantamos dois aspectos para análise que a escolha inicial dos participantes dos grupos suscitou: a estrutura e o funcionamento. Essas categorias de análise foram criadas para este estudo, decorrentes das premissas de Lane (1984) e de sua análise sobre elas de que:

todo e qualquer grupo exerce uma função histórica de manter ou transformar as relações sociais desenvolvidas em decorrência das relações de produção, e, sob este aspecto, o grupo, tanto na sua forma de organização como nas suas ações, reproduz ideologia, que, sem um enfoque histórico não é captada (LANE, 1984, p.81-82).

Com relação à organização do grupo enquanto estrutura, ou seja, enquanto a suas características formais e práticas, buscamos considerar pontos positivos e negativos desta escolha inicial. Entendemos previamente que o fato dos participantes já se organizarem em grupos seria um aspecto facilitador. Isto por dois motivos: porque esses indivíduos já pareciam participar de um processo coletivo e democrático no qual produziam atividades através da execução de tarefas; e porque estas atividades estavam relacionadas a temas muito próximos aos que seriam propostos pelas pesquisadoras acadêmicas.

Por outro lado, detectamos como principal ponto negativo quanto à escolha de grupos já formados, a dificuldade na adesão de novos membros nos grupos de pesquisa. No Bairro, essa dificuldade pareceu ser decorrente de um histórico de relações de descontentamento entre a Associação dos Moradores do bairro e a comunidade local. Enquanto os moradores acreditavam que a associação não os representava quanto às suas reivindicações, os membros da associação reclamavam a falta de participação no planejamento e enfrentamento dos problemas reivindicados. Isso nos parece determinar o distanciamento das partes, cristalizando-se os papéis dos que



reivindicavam e dos que executavam ações. Esta foi uma análise que decorreu do momento em que o grupo, pesquisadores comunitários e pesquisadoras acadêmicas, levantou a necessidade de adesão e participação de outras pessoas da comunidade. Realizamos um evento no qual foi estendido o convite aos demais moradores, no entanto, não houve adesões futuras. Este fato pôde revelar qual o conceito que a comunidade fazia da Associação e foi entendido como o maior obstáculo à agregação de novos pesquisadores comunitários. No caso da Universidade, também havia interesse em diversificar o grupo, ou seja, incorporar alunos de diferentes cursos, no entanto, observamos que esta não era uma necessidade autêntica dos alunos participantes. Sendo assim, o desinteresse desses alunos e a forma como outros foram convidados – por meio de cartazes – puderam ser entendidos como causas para a não agregação de novos membros. Assim, o grupo já organizado parece não ter sido causa primeira da não agregação de novos parceiros.

Outro aspecto de análise que a escolha de um grupo já estruturado despertou, relaciona-se ao funcionamento do grupo. Entendemos como funcionamento as relações internas do grupo e os papéis sociais que os membros representam no processo de pesquisa. Nessa categoria de análise também apontamos pontos positivos e negativos. Subentendemos que, pelo fato de serem um grupo formado, já existiam afinidades entre os membros. Este foi um ponto considerado positivo, pois, segundo a pesquisa-ação, é importante que os participantes se motivem por um objetivo em comum. No Bairro os objetivos eram as próprias ações da Associação e na Universidade o projeto de coleta seletiva. Com relação ainda aos objetivos dos grupos, pôde-se considerar que os temas propostos para o desenvolvimento das pesquisas foram muito apropriados, pois convergiram com os objetivos prévios dos grupos, lembrando que a pesquisa-ação incentiva a investigação da própria realidade social.

No entanto, levantamos um conjunto de reflexões que apontaram para as dificuldades de funcionamento relacionadas ao poder que a Instituição exerce nos processos grupais. Um grupo que tem em suas práticas um modelo institucionalizado, com relações hierárquicas que acarretam em distinção de papéis quanto ao poder de dominação, além de refletir um modelo fechado de sociedade de classes, pode se imobilizar nesta situação, dificultando reestruturações que visem uma relação mais igualitária entre os membros. Na Associação de Moradores a própria estrutura institucional com cargos como presidente, secretário e tesoureiro revela esta característica. No caso da Universidade, este aspecto funcional interno encontra-se na relação hierárquica que se dava entre professor (que convidou os alunos) e alunos (que formaram um grupo de colaboradores).

Após o nosso envolvimento nos grupos, com propostas de relações mais horizontais entre os participantes, observamos ser necessária a dissolução do modelo tradicional para que houvesse uma reestruturação das relações internas. De fato, parece ter havido esta reorganização, mas em um estudo aprofundado, pudemos verificar que não houve abandono desta estrutura e sim transferência dos papéis de dominação para nós 'pesquisadoras acadêmicas'. A expectativa criada no Bairro foi que as pesquisadoras universitárias seriam capazes de planejar e resolver todos os problemas da comunidade. Já entre os alunos universitários manteve-se o comportamento de passividade, esperando da pesquisadora

propostas prontas de ações. Estas reestruturações foram iniciais e no decorrer do processo grupal pudemos perceber mudanças significativas a este respeito.

Após a criação dos grupos de pesquisadores, passamos a realizar reuniões periódicas incorporando aos poucos as etapas de pesquisa num processo grupal. A organização do grupo, segundo Lane (1984) é a forma como este se produz:

a produção seria a própria ação grupal que se dá pela participação de todos, seja em torno de uma tarefa, seja visando um objetivo comum. [...] Nas relações entre os indivíduos, pela participação entre eles, estes se transformam e transformam o grupo, produzindo o próprio grupo (1984, p. 78-97).

A descrição analítica aponta para os momentos subseqüentes à reestruturação inicial citada acima, nos quais percebemos uma transformação qualitativa na participação e na produção grupal.

No Bairro, um primeiro momento detectado foi quando o grupo sugeriu a criação do nome e logo-tipo que nos representasse, identificado-se como “nós o grupo”, GPC (Grupo de Pesquisadores Comunitários). Um segundo momento ocorreu quando o grupo estendeu o convite de participação à comunidade, já que éramos apenas cinco participantes. Nesta ocasião fizemos uma apresentação sobre quem éramos, como agíamos e quais eram os nossos objetivos. Isto mostrou um forte senso de participação e igualdade entre os membros, pois todos se expressaram e deram seus depoimentos sobre a forma coletiva na qual pretendíamos trabalhar. Foi neste momento em que se colocou o caráter de pesquisa que nosso grupo estava inscrito. Após a não adesão de novos participantes, o grupo fortaleceu-se, entendendo que seríamos nós os próprios responsáveis pela seqüência da pesquisa. Isto pode ter ocorrido porque fizemos uma análise retrospectiva das atividades, entendendo o que já havíamos produzido e quais seriam as ações posteriores. Deu-se então a coleta de dados, entrevistando os demais moradores, para estudo das transformações ambientais e indicadores de qualidade de vida. Para isso, os participantes se reorganizaram em sub-grupos, o que por um lado facilitou a coleta de dados, mas por outro, parece ter havido uma ruptura na unicidade dos integrantes. Esses e outros momentos são analisados como fases de crise do grupo, nas quais detectou-se um certo desinteresse dos membros. Lane (1984), fazendo a análise dialética da produção do grupo, destaca que os momentos de crise são aqueles em que há a negação das contradições decorrendo uma reestruturação deste, num movimento em espiral. No momento atual, com os dados já analisados, parte-se para a fase de planejamento das ações, onde possivelmente novas reestruturações serão apontadas.

Na Universidade, o primeiro momento de mudança qualitativa se deu quando o grupo percebeu que nossa ação, a divulgação, não estava alcançando o objetivo esperado, ou seja, a comunidade não descartava seletivamente os resíduos. O grupo detectou que não sabia corretamente que resíduos deveriam ser descartados seletivamente e enxergou isso como um problema, já que acreditamos que um dos fatores da não participação da comunidade neste projeto se devia, entre outros, a essa dúvida. O grupo concluiu que devia buscar esta informação e que a fonte mais segura era o local onde os resíduos são triados e comercializados. Outro momento ocorreu em uma reunião onde foi feita uma retrospectiva de todos os encontros. Neste dia, pudemos perceber que deveríamos planejar ações mais consistentes para garantir a participação da comunidade no programa de

coleta seletiva, apenas a divulgação não era suficiente, e para que isso acontecesse era preciso conhecer o que impedia a participação da comunidade. Logo, seria necessário investigar estes fatores. Por conta de uma greve, os nossos encontros foram paralisados. Devido a isso, a elaboração das etapas da investigação foram desenvolvidas pela pesquisadora. Durante a greve, me comuniquei pela Internet com o restante do grupo passando as idéias e alguns textos sobre o tema. Apesar da postura ainda passiva da maioria dos integrantes, essa ação garantiu que o grupo não se dissolvesse, pelo contrário, ao retornarem as aulas, nós nos reunimos e, no momento atual, estamos nos organizando para realizar outras atividades de pesquisa. Aos poucos os alunos estão se enxergando como parceiros de pesquisa, já colocam mais as suas idéias, socializam dúvidas sobre os procedimentos da investigação e como iremos utilizar essas informações para elaborar as intervenções educativas. Mas ainda delegam à pesquisadora todas as iniciativas de ação.

Estas transformações qualitativas, para Lane (1984) acontecem quando há uma análise das “contradições decorrentes das relações de dominação, levando o grupo a uma auto-análise”. Isto se aproxima da denominação de grupo-sujeito (LOUREAU apud LANE, 1984); ou seja, “[...] aquele que percebe a medição institucional objetiva e conscientemente”. Um trabalho de pesquisa-ação visa, portanto, a formação de grupo-sujeitos, sendo esta etapa ideal para que aconteça autopromoção e independência das pessoas que vivenciam o processo grupal. No entanto, para que se alcance tal consciência, é necessário, segundo ela, que aconteça uma auto-análise, onde se identificam os determinantes de alienação e as mediações institucionais que reproduzem as relações dominação-submissão na sociedade.

## Considerações finais

A análise feita anteriormente nos leva a crer que ainda não alcançamos em nossos grupos as características de grupos-sujeito, embora tenhamos detectado momentos de crescimento qualitativo, superando a condição de indivíduos aglutinados. Percebemos que isso se deve ao fato de termos escolhido grupos já formados, institucionalizados, onde a estrutura hierárquica dificulta novas reestruturações. Esta reorganização deve acontecer, de acordo com os princípios da pesquisa-ação, em direção a relações igualitárias entre os membros, garantindo a participação radical de todos.

Acreditamos ainda que outro fator que não permitiu que os grupos se tornassem grupos-sujeito foi a ausência da análise sobre a inserção da instituição no processo grupal. Esta foi realizada somente por nós, pesquisadoras acadêmicas, ao percebermos o papel institucional da universidade em dois contextos: no Bairro, como detentora do saber e promotora das transformações sócio-ambientais; e na Universidade, imprimindo uma superestimação do papel do docente/pós-graduando, no que diz respeito à hierarquia intelectual, o que intimida uma participação mais ativa dos outros componentes do grupo, permanecendo numa postura de “amadores aprendizes”.

O que podemos evidenciar é que historicamente a universidade confirmou esta imagem de “superioridade” e, na maioria das vezes, se articulou nas realidades sociais como intervencionista e poucas vezes como auxiliar no processo de construção da autopromoção das sociedades e dos indivíduos. Se a universidade quer educar, se a educação ambiental quer transformar, é preciso repensar a inserção desta instituição no seio da sociedade. E é neste sentido que se propõe metodologias mais participativas e, ainda, corroborando com Brandão (2003, p.74), mais abertas “a novas interações entre a ciência e as outras modalidades culturais de criação de conhecimentos”.

Se em nossas experiências evidenciamos que ainda não conseguimos alcançar todas as expectativas explicitadas pelos princípios da educação, educação ambiental, e da pesquisa-ação, não significa que não acreditamos na possibilidade de transpor os mitos do fazer científico. Significa apenas que os primeiros passos foram dados, e que muitos outros ainda estão por vir. O que precisamos ainda é superar as barreiras ideológicas que freiam o trabalho igualitário, e que separam em andares diferentes as classes, os conhecimentos, as tentativas de atuação; em princípio, as pessoas.

## Referências

- ANGEL, J. B. **La investigación-acción: um reto para el profesorado**. Barcelona: INDE Publicaciones, 2000.
- BRANDÃO, C. R. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003.
- BRANDÃO, C. R. Participar-pesquisar. In: BRANDÃO, C.R. (ORG.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999. p.07 -14.
- DEMO, P. Política social e participação. In: DEMO, P. **Participação é conquista**. São Paulo: Cortez, 2001, p.05 – 80.
- GAJARDO, M. Pesquisa participante: propostas e projetos. In: BRANDÃO, C.R. (org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999. p.15 – 50.
- LANE, S.T.M. O processo grupal. In: LANE, S.T.M.; CODO, W. (orgs). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MAILHOT, G. B. **Dinâmica e gênese dos grupos**. São Paulo: Duas Cidades Ltda, 1985.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 7ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1987.
- SANTOS, B. S. **A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. São Paulo: Cortez, 2004.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- Apoio CAPES.